



**Desafios da coleta e distribuição da informação em rede:
a importância da confiabilidade e da proteção da fonte
no jornalismo via internet**

Vinicius Souza¹

RESUMO: Tendo como recorte a produção de notícias provenientes de informações passadas aos jornalistas por fontes que não são identificadas para os leitores/ouvintes/espectadores, o artigo pretende discutir os desafios éticos e funcionais da coleta da informação em rede, analisando como é realizada a distribuição dessas notícias pelos meios tradicionais e internet, e quais os perigos e necessidades de cada formato. Para isso, serão apresentados alguns casos como o já clássico Escândalo de Watergate, o caso da “ficha falsa de Dilma” na *Folha de São Paulo* e as consequências dos vazamentos de informações diplomáticas e militares pelo *WikiLeaks*.

PALAVRAS-CHAVE: *fonte, sigilo, internet, WikiLeaks, verdade/realidade.*

¹ Jornalista, fotógrafo, documentarista, pesquisador. Bacharel em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (1992), Pós-graduado em Fotografia, Comunicação e Memória - com Professor Doutor Boris Kossoy - ECA USP (2007), Mestre em Comunicação pela Universidade Paulista – UNIP (2010). Site: <http://mediaquatro.sites.uol.com.br/>, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3108474564950958>.

Na introdução do recém-lançado documentário *A guerra que você não vê - The war you don't see*, do jornalista e documentarista australiano radicado na Inglaterra John Pilger, é apresentado um vídeo gravado por um helicóptero militar das tropas de ocupação estadunidenses no Iraque mostrando o massacre do jornalista da agência de notícias *Reuters*, Namir Noor-Eldeen, de seu assistente, Saeed Chmagh, e outros dez civis iraquianos, além dos disparos que feriram gravemente os dois filhos pequenos do motorista de uma van que passava pelo local e resolveu ajudar os baleados. “A culpa é deles por trazerem os filhos para uma batalha”, (Leigh e Harding, 2011: 74) teria dito o piloto da aeronave depois de saber pela equipe de combate em terra que crianças haviam sido atingidas. Na verdade, eles moravam a apenas duas quadras do ataque e estavam indo para a escola.

Para Leigh e Harding, jornalistas do *The Guardian* e autores do livro *WikiLeaks – A guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado*, depois do vazamento do vídeo e sua publicação (há várias versões do vídeo original de 39 minutos mais e menos completas, com ou sem legendas em diversas línguas disponíveis no *YouTube*), “as mortes de civis que os soldados americanos com tanta frequência precipitam do céu seriam tratadas de modo um pouco menos casual pelo público do país. Certamente é disso que se trata quando se fala em liberdade de expressão” (Leigh e Harding, 2011: 80).

O documentário de Pilger segue uma linha semelhante. Logo após apresentar a cena do helicóptero, o filme narra os fatos da 1ª Guerra Mundial (16 milhões de mortos e 21 milhões de feridos) e um diálogo travado entre o então primeiro ministro britânico David Lloyd George e o editor do jornal *The Guardian*, C.P. Scott: “Se as pessoas soubessem a verdade, a guerra acabaria amanhã. Evidentemente não sabem. Não podem saber”. Trata-se da reafirmação da clássica frase: “A primeira vítima, da guerra, é a verdade”, alegadamente proferida pelo senador republicano e ex-governador da Califórnia Hiram Johnson, em 1917. Mas, mais do que isso, é revelação das íntimas relações entre os governantes e a mídia para criar a “verdade” ou a “realidade” que povo deve conhecer.

Lloyd George sabia exatamente o que estava fazendo quando instruiu Scott a como tratar o público. Nas sociedades extremamente midiaticizadas como a que vivemos, mais do que simplesmente fabricar consensos, produzindo uma significação coletiva e sincronizadora dos fatos (Pelegrini, 2006), os meios de comunicação em massa, e a internet entre eles, constroem a própria “realidade” em que vivemos. Afinal, “nas sociedades midiaticizadas (...) fato não veiculado é fato praticamente inexistente” (Contrera, 2000). Nesse contexto, os jornalistas são, ou deveriam ser, uma peça fundamental na formação da realidade consensual. Mas, de onde vêm as boas informações nos dias de hoje? Infelizmente, é cada vez mais raro virem de fontes cultivadas por anos pelos jornalistas e com quem eles têm um pacto de confiança e

credibilidade, como acontecia no passado. As imagens da morte de Noor-Eldeen, por exemplo, vieram por internet de uma fonte anônima para alguém que não se considera um verdadeiro jornalista: Julian Assange, fundador e principal figura do *WikiLeaks*². E o vídeo só conquistou a repercussão de ter sua veracidade confirmada pela tradicional agência *Reuters* que, paradoxalmente, se recusou a uma divulgação maior exatamente por ter sido “vazado” (Leigh e Harding, 2011).

O tema do filme de Pilger, premiado jornalista britânico que cobriu diversos conflitos desde a Guerra do Vietnã, é exatamente o fracasso ético e funcional do jornalismo atual representado pelos repórteres “*embedded*”. A nova palavra foi criada a partir da invasão o Iraque pra designar fotógrafos, cinegrafistas e escritores que acompanham os exércitos das grandes potências nas batalhas e passam para o público somente as informações e pontos de vista “oficiais”. Segundo o editorial do *The Guardian* quando da primeira divulgação dos documentos vazados pelo *WikiLeaks* sobre a invasão do Afeganistão, justificando a parceria com a entidade:

O nevoeiro da guerra é incomumente denso no Afeganistão. Quando ele se ergue, como se faz hoje [...], revela-se uma paisagem muito distinta daquela que conhecíamos. Esses diários de guerra – escritos no calor da batalha – mostram um conflito brutalmente sujo, confuso e imediato. E contrasta, de algum modo, com a guerra “pública”, limpa e higiênica, tal como vista através dos comunicados oficiais e fotografias necessariamente limitados dos jornalistas que acompanham as tropas. (Leigh e Harding, 2011: 131)

Com é cada vez menor o envolvimento de repórteres independentes nos conflitos e os que se arriscam muitas vezes acabam como “danos colaterais” (outro eufemismo criado para substituir a expressão “mortos civis”), assim como aconteceu com Namir Noor-Eldeen. Desse modo, grande parte do material verdadeiramente interessante sobre fatos importantes que acontecem no mundo, o que antigamente se chamava “notícia”, tem sido produzido por amadores ou repórteres sem o respaldo de grandes empresas de comunicação.

‘Fatos’ e ‘notícias’ não existem por si só, como entidades ‘naturais’. Ao contrário, são assim designados por alguém (por exemplo, por um editor), por motivos (culturais, sociais, econômicos, políticos) que nem sempre são óbvios. Mas essa operação fica oculta sob o manto mistificador da suposta ‘objetividade jornalística’. (Arbex Jr, 2001: 90)

² Assange divulgaria nos meses seguintes, em associação com grandes empresas de comunicação dos EUA (The New York Times), Inglaterra (The Guardian) e Alemanha (Der Spiegel), dois outros grandes blocos de informações militares estadunidenses sobre o Afeganistão e o Iraque e mais de 250 mil telegramas diplomáticos confidenciais.

Da mesma forma, a distribuição dessas notícias vindas de colaborações de amadores também é feita preferencialmente pela internet em sites menores, blogs e redes sociais. Se os jornalistas já não respeitam a tradição e ética profissional de investigar os fatos e passar as informações a seus leitores independentemente dos interesses dos poderosos, talvez seja a hora de se confiar na ética do próprio público como fornecedor e consumidor dialógico de informações. E de buscar novos veículos digitais para sua divulgação.

De ‘cães farejadores’, como descrito por Ciro Marcondes em ‘A saga dos cães perdidos’, uma boa parte dos jornalistas se transformou em ‘cães adestrados’ da mídia hegemônica, para cujos donos é mais significativo promover os interesses empresariais aos sociais, com claras intenções de se beneficiar do/no mercado. Como se sabe, as mudanças no Mercado são muitas, o que o torna instável, inconstante. O tipo de jornalismo que pretende servir a este fim, portanto, não pode se pretender duradouro e transformador. (Pelegrini, 2008)

Ora, Pelegrini, apesar de estar falando da mídia hegemônica brasileira, pode muito bem ter essa citação também usada para definir o atual jornalismo *embedded* anglo-americano, onde mesmo jornalistas conceituados têm dificuldades em divulgar seu trabalho sério, mas cujas páginas estão sempre abertas a publicar informações de interesse dos poderosos. Apesar de fazer parte do time de um jornal importante, ironicamente o mesmo *The Guardian* que manipulou as informações sobre a I Guerra Mundial, um excelente texto de Pilger sobre o filme “*A guerra que você não vê*” e o papel dos jornalistas não foi veiculado no Brasil pela *Folha de São Paulo*, que detém a primazia no país da divulgação do conteúdo dos telegramas diplomáticos vazados pelo *WikiLeaks*, nem no *Estadão*, nem no *Globo*. Contudo, esse texto pode ser lido em diversos blogs brasileiros como, por exemplo, o *Vi o Mundo*, do também jornalista Luiz Carlos Azenha (<http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/wikileaks-e-o-fracasso-do-jornalismo.html>) em tradução do coletivo Vila Vudu³. Certamente nenhum deles pagou pelo conteúdo que teoricamente é de propriedade do *The Guardian*. Mas não é o caso de se perguntar se os brasileiros também não teriam direito a essa informação?

Sem a estrutura dos grandes veículos, no entanto, surge um novo desafio para a utilização das informações coletadas na internet: sua credibilidade. Na Síria, por exemplo, ainda não houve uma invasão de tropas ocidentais com seus jornalistas *embedded* e governo local proibiu a entrada e o trabalho de jornalistas estrangeiros. Assim, mesmo que cheguem todos os dias aos telejornais imagens tremidas e de baixa qualidade feitas com celulares de supostas

³ O coletivo escolhe bons artigos da mídia internacional e traduz e distribui gratuitamente para blogs independentes - produtores e agregadores de conteúdo - como o *Vi o Mundo*, o *Ópera Mundi* (<http://operamundi.uol.com.br>) e o *Luís Nassif Online* (<http://www.advivo.com.br/luisnassif>)

manifestações reprimidas pelo governo, qual a confiabilidade das estatísticas de mortos civis veiculadas pela grande mídia?

Um exemplo claro disso foi a comoção mundial em torno da alegada prisão da suposta ativista homossexual e antigoverno da Síria, Amina Araff, autora do blog *A Gay Girl in Damascus* (*Uma lésbica em Damasco* -<http://damascugaygirl.blogspot.com> - atualmente sem atualizações). Somente depois da grande repercussão da notícia da prisão, supostamente postada no blog por uma prima de Amina em 6 de junho de 2011, os jornalistas internacionais começaram a desconfiar da veracidade das informações⁴. Por fim, no dia 12 de junho, o verdadeiro autor dos posts e responsável pelo blog, o estadunidense Tom MacMaster, que, segundo o *The Guardian*, vive na Escócia com a esposa e os filhos, assumiu a farsa e se desculpou com os leitores acusando, ao mesmo tempo, a imprensa internacional e os governos do Oriente Médio: “Esta experiência, lamentavelmente, apenas confirmou meus sentimentos em relação à cobertura geralmente superficial do Oriente Médio e à capacidade opressora de novas formas de orientalismo liberal.”⁵

Mais do que um caso que enfureceu os reais ativistas pelos direitos humanos na Síria e outras partes do mundo, a farsa deveria levar os meios de comunicação e leitores/ouvinte/telespectadores a raciocinar sobre a facilidade com que imagens e informações da repressão política do governo de Bashar al-Assad chegam aos nossos jornais/rádios/televisões no horário nobre, enquanto praticamente não são apresentadas, por exemplo, “provas” dos prováveis massacres no Bahrein. Afinal, o país está ocupado “pacificamente” desde março, com as bênçãos da V Frota dos Estados Unidos, pelo exército da Arábia Saudita. Outro jornalista respeitadíssimo, Robert Fisk, especialista em Oriente Médio que entrevistou Osama Bin Laden três vezes, esteve pessoalmente no Bahrein e relatou que os médicos e ambulâncias foram proibidos de dar socorro às centenas de pessoas feridas à bala pelas forças de segurança do reino. Os testemunhos, publicados originariamente no britânico *The Independent*, mais uma vez não tiveram repercussão na grande mídia nacional. Para ler Fisk em português, os brasileiros devem procurar blogs como o *Maria Frô* (<http://mariafro.com.br>) e o portal *Carta Maior* (<http://www.cartamaior.com.br>).

⁴ Jornalistas questionam "blogueira lésbica presa na Síria" - <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5178399-EI17594,00-Jornalistas+questionam+blogueira+lesbica+presa+na+Siria.html>

⁵ Homem americano assume criação da "blogueira síria lésbica" - <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5183395-EI17594,00-Homem+americano+assume+criacao+da+blogueira+siria+lesbica.html>

Assim, pode não ser à toa que todos os grandes jornais tenham tido perdas pesadas de circulação durante toda a última década, apesar do aumento da população e da alfabetização. Segundo números do Instituto Verificador de Circulação – IVC (<http://www.ivc.org.br/>), a Folha de São Paulo caiu de uma média diária em 2000 de 429.476 exemplares para 298.352 em março de 2009. Nesse ano de 2011, aquele que era considerado “o maior jornal do Brasil”, foi ultrapassado diversas vezes pelo mineiro Super Notícias. No Rio de Janeiro, o Jornal do Brasil não tem mais edição impressa e O Globo caiu de 334.098 unidades em 2000 para 260.869 em 2009. Em Brasília, o Correio Braziliense foi de 61.109 exemplares diários para 52.831 no mesmo período. Já o gaúcho Correio do Povo viu sua tiragem cair de 217.897 em 2000 para 155.774 em março de 2009.

Na internet, por outro lado, os “meios de produção” e de divulgação das informações estão nas mãos de todos os usuários, inclusive os jornalistas. Desse modo, muitos profissionais e grupos de profissionais criaram blogs e portais onde disponibilizam conteúdos multimídia de produção própria ou agregados de outras fontes. Segundo informa o jornalista Altamiro Borges, teriam sido criados somente entre 1999 e 2006 mais de 47 milhões de blogs, produzindo 1,2 milhão de novos artigos por dia, ou 50 mil por hora, escritos por cerca de 35 milhões de pessoas (Borges, 2009). Contudo, como bem prova o caso da “lésbica síria”, os cuidados com informações provenientes de blogs devem ser redobrados.

Quando os repórteres do *Washington Post* Bob Woodward e Carl Bernstein publicaram, com base em informações confidenciais fornecidas por uma fonte identificada apenas como “Garganta Profunda” (que somente em 2005 seria revelada como o ex-vice-presidente do FBI, W. Mark Felt), as matérias do escândalo conhecido como Watergate, eles ganharam o prêmio *Pulitzer*, um dos mais importantes da imprensa mundial, e levaram à renúncia do presidente americano Richard Nixon, além de serem retratados no cinema por Robert Redford e Dustin Hoffman. Já Assange, que liberou na internet milhares de documentos secretos revelando a verdadeira atuação antiética das embaixadas dos Estados Unidos em todo o mundo, segue em prisão domiciliar na Inglaterra e sob risco de ser deportado para a Suécia e de lá para os EUA, onde pode enfrentar um julgamento por traição (apesar de ser australiano) e uma possível pena de morte.

Pior do que ele está o soldado raso estadunidense Bradley Manning, apontado como o responsável pelo vazamento dos documentos. Preso numa solitária 23 horas por dia, não tem direito a objetos pessoais, não pode se exercitar na cela nem falar com carcereiros. Depois de ser acordado às 5 horas da manhã, não pode mais dormir e é perguntado a cada cinco minutos “se está bem” (Leigh e Harding, 2011: 96 - 97). Mesmo sem ainda ter sido julgado, o militar enfrenta um tratamento próximo ao oferecido aos prisioneiros de Guantánamo que, conforme

revelou recentemente o *WikiLeaks*, em sua maioria são civis sem qualquer envolvimento com ações terroristas.

Woodward e Bernstein guardaram a identidade de sua fonte por mais de 30 anos, respeitando o centenário código de ética dos jornalistas e sob a cobertura da legislação estadunidense (e também e de boa parte do mundo) de proteção do sigilo das fontes jornalísticas. Mas como todo usuário da web deve saber, não existe anonimato na rede. Praticamente toda informação transitada é passível de ser rastreada. Várias postagens no site de relacionamentos *Facebook* e seqüências inteiras de conversas online (*chats*) entre Manning e o ex-hacker estadunidense Adrian Lamo, “setenciado a dois anos de liberdade condicional por invadir os computadores de uma série de empresas, incluindo o jornal *The New York Times*” (Leigh e Harding, 2011: 81 - 82) estão disponíveis na Rede:

Pergunta hipotética: se você tivesse acesso livre a redes sigilosas por longos períodos, digamos oito a nove meses, e visse coisas incríveis, coisas terríveis, coisas que pertencessem ao domínio público e não a algum servidor armazenado numa sala escura de Washington, D.C., o que faria? [...] Coisas que tivessem impacto sobre 6,7 bilhões de pessoas; digamos, uma base de dados de meio milhão de eventos durante a Guerra do Iraque, entre 2004 e 2009 [...] Ou 260 mil telegramas do Departamento de Estado, de embaixadas e consulados por todo o planeta, explicando em detalhes como o primeiro mundo explora o terceiro, de uma perspectiva interna? [...] Vamos dizer que ‘alguém’ que eu conheço intimamente invadiu as redes sigilosas norte-americanas, extraindo dados como os descritos aqui e transferindo-os das redes sigilosas sobre o *air gap*⁶ para um computador de rede comercial – ele selecionou os dados, comprimiu, criptografou e fez o *upload* para um australiano maluco de cabelo branco que não parece querer ficar no mesmo país por muito tempo. (Leigh e Harding, 2011: 86)

São esses diálogos, entregues por Lamo à Justiça nos EUA, que servem de base para as acusações contra Manning. Desse modo, apesar de todo o cuidado de Assange na comunicação criptografada de alto nível, passando por vários servidores que não registram os dados dos servidores anteriores para dificultar o rastreamento, a possível fonte das informações foi rapidamente identificada.

Para preservar as fontes de informações sensíveis, os jornalistas devem se precaver ao máximo. E para distribuí-las, devem procurar novos meios que possam influir nos fluxos de informações tradicionais da mídia hegemônica. Contudo, ainda valem as regras básicas do jornalismo de sempre: checar, checar e checar as informações antes da publicação. Do contrário, corre-se o risco de ser manipulado pelas fontes ou pelos editores.

Um exemplo gritante de falta de checagem, ética e profissionalismo com uso de fonte de internet é o caso da “ficha falsa” de Dilma Rousseff publicada na capa do jornal *Folha de*

⁶ Jargão para a separação física entre os servidores da rede militar e a internet comercial.

São Paulo em 5 de abril de 2009. A reportagem de Fernanda Odila, da sucursal do jornal em Brasília, que acusou a hoje presidenta do Brasil de ter planejado o seqüestro do então Ministro da Economia Delfim Neto, nos anos 1970, sequer grafou corretamente o nome e profissão do entrevistado. Pior, o jornal publicou tanto internamento como na primeira página o que seria uma “ficha policial” da Ministra da Casa Civil e futura candidata à presidência pelo PT, Dilma Rousseff, que teria sido fornecida pelos arquivos do DOPS com os crimes a ela atribuídos.

Imediatamente⁷ o entrevistado, um antigo dirigente militar da organização de esquerda *Vanguarda Revolucionária Palmares – VAR Palmares*, Antonio Roberto Espinosa, desafiou a *Folha* a publicar (ainda que apenas online) a íntegra da entrevista gravada para provar que ele nunca disse que Dilma saberia do tal plano de seqüestro, que no final jamais ocorreu. Espinosa, também jornalista, considera a matéria “um factóide sobre um não-fato ocorrido há 40 anos”. A negação da própria ministra também ficou escondida no fim do texto interno e suas dúvidas sobre a autenticidade da ficha em repetidas cartas ao jornal foram totalmente ignoradas. O que o jornal apresenta nas últimas linhas da reportagem?:

FOLHA - Só para deixar claro, a sra. não se recorda desse plano para sequestrar o Delfim?

DILMA - Não. Acho que o Espinosa fantasiou essa. Sei lá o que ele fez, eu não me lembro disso. [...] E duvido que alguém lembre. Não acredito que tenha existido isso, dessa forma. Isso está no grande grupo de ações que me atribuem. Antes era o negócio do cofre do Adhemar, agora vem o Delfim. (Odilla, 2009: A8)

8

Foram necessários 20 dias e muita mobilização na internet para o que jornal publicasse, novamente sem destaque em uma página interna, que houve “um erro técnico” ao dizer que a ficha pertenceria ao DOPS, já que “a imagem” na verdade teria sido enviada “por uma fonte” e que sua “autenticidade, pelas informações hoje disponíveis, não pode ser assegurada - bem como não pode ser descartada”. A tal ficha é uma fraude que circula na internet em sites de direita há anos. Dezenas ou centenas de sites e blogs publicaram suas opiniões sobre a verdadeira autoria da tal ficha. A esse respeito, vale a pena ler os posts do blog do jornalista Paulo Henrique Amorim (<http://www.conversaafiada.com.br>) onde estão publicadas as cartas de Espinosa em que o antigo guerrilheiro critica a cobertura da *Folha* sobre o caso e atuação do Ombudsman.

⁷ A carta enviada à Folha com cópias para o Painel do Leitor e para o Ombudsman, nunca foi publicada no jornal. Contudo, a partir de seu envio também a amigos e conhecidos de Espinosa, foi reproduzida em dezenas de blogs.



Cabe ressaltar, entretanto, que mais do que manipular entrevistas e publicar na “reportagem” as negativas do principal implicado na acusação de um crime (que, importante repetir, não aconteceu), a Folha estampou na primeira página a imagem de “uma terrorista, assaltante, guerrilheira e seqüestradora capturada pelas forças de segurança” e reforçou sua “veracidade” com elementos comuns a processos de investigação policial como a placa com o número do preso, o carimbo de “capturado” e a impressão digital. Para quem viu um dos cerca de 300 mil exemplares impressos e a matéria repetida em inúmeros sites e TVs, não havia dúvidas de que se tratava de uma “criminosa”. A força e o impacto na população (eleitores) dessa imagem cheia de signos, muito mais do que os textos a ela associados, já não pode ser de forma alguma apagada da memória cultural contemporânea. E especialmente por textos de “erratas” vacilantes. Afinal, como apregoa o filósofo Vilém Flusser, as imagens, por bidimensionais, são muito mais complexas e cheias de elementos do que os textos unidimensionais.

É necessário que se compreenda o papel cultural da fotografia: o seu poderio de informação e desinformação, sua capacidade de emocionar e transformar, de denunciar e manipular. [...] Ao mesmo tempo em que tem preservado as referências e lembranças do indivíduo, documentado os feitos cotidianos do homem e das sociedades [...], ela também se prestou – e se presta – aos mais interesseiros e dirigidos usos ideológicos. [...] As imagens estão diretamente relacionadas ao universo das mentalidades e sua importância cultural e histórica reside nas intenções, usos e finalidades que permeiam sua produção e trajetória. (Kossoy, 2007: 31-32).

O jornalista deve utilizar profissionalmente de todos os recursos permitidos eticamente, inclusive a internet, para construir suas reportagens com o máximo de respeito à verdade factual. A distribuição também deve ser midiática, utilizando as brechas existentes de maneira

inteligente, subvertendo os aparelhos por dentro. No exemplo de Flusser para o “Universo das imagens técnicas”, vemos:

O fotógrafo crê estar utilizando o jornal como *medium*, enquanto o jornal crê estar utilizando o fotógrafo em função de seu programa. (...). Ao fotografar, o fotógrafo sabe que sua fotografia será aceita pelo jornal somente se esta se enquadrar em seu programa. De maneira que vai procurar driblar tal censura, ao contrabandear na fotografia elementos estéticos, políticos e epistemológicos não previstos no programa. Vai submeter a intenção do jornal à sua. Este, por sua vez, embora possa descobrir tal tentativa astuciosa, pode vir a aceitar a fotografia como propósito de enriquecer seu programa. Vai procurar recuperar a intenção subversiva. Pois bem, o que vale para jornais, vale para os demais canais de distribuição de fotografias, uma vez que todos revelarão, sob análise crítica, a luta dramática entre a intenção do fotógrafo e a do aparelho distribuidor de fotografias. (Flusser, 2009: 50-51).

Uma boa saída para introduzir a informação nova nos grandes fluxos de comunicação é por meio das novas redes sociais e novos aparelhos de acesso à internet. Afinal de acordo com levantamento da *ComScore*, empresa global que mensura dados de internet, o leitor brasileiro responde pela maior quantidade de acessos a jornais por meio de aparelhos eletrônicos, como *tablets* e *smartphones*, do mundo. O tráfego em sites de empresas jornalísticas, segundo o estudo⁸, é maior no Brasil do que no Chile, por exemplo, eleita a segunda nação mais interessada em acompanhar a imprensa fora da rede de computadores e notebooks, e duas vezes superior ao número de visitas atingidas por japoneses. E, apesar de alguns profissionais terem se desviado de suas obrigações éticas, ainda assim:

Os jornalistas *são* necessários! Insistia Ramonet. São os outros que querem “queimá-los”, quer dizer, acabar com a profissão. E têm razão. Como são necessários os especialistas, os pesquisadores, os filósofos, os críticos, os escritores, os professores. Eles são o que sobra de vivo nessa maquinaria toda, o que sobra de humano – talvez demasiadamente humano – na tecnificação total do virtual, do interativo e do tempo real. (Marcondes Filho, 2002: 150).

Mas não é só isso. É preciso saber também lidar com uma nova realidade do imenso volume de dados armazenado pelos sistemas de informação e que podem, eventualmente, “vazar” para as mãos de jornalistas competentes. Para o especialista em internet e editor de dados do *The Guardian*, Simon Rogers,

“Algumas pessoas dizem que a internet está matando o jornalismo. A história do Wikileaks é uma combinação dos dois: técnicas de jornalismo tradicional e o poder da tecnologia, usados para contar uma história extraordinária. No futuro, o jornalismo de dados pode não parecer tão incrível e novo, mas hoje ele é. O mundo mudou e foram os

⁸ Disponível em

[http://www.comscore.com/Press Events/Press Releases/2011/6/comScore Introduces Device Essentials](http://www.comscore.com/Press%20Events/Press%20Releases/2011/6/comScore_Introduces_Device_Essentials), acesso em 28/06/2011.

dados que o transformaram”. [...] O material encontrado nos documentos vazados, por mais extenso que fosse não era “a verdade”. Muitas vezes era apenas uma indicação de uma parte da verdade e exigia interpretação cuidadosa. (Leigh e Harding, 2011: 113 - 115)

Como o próprio Bradley Manning diz a certa altura para seu delator: “Quero que as pessoas vejam a verdade, independentemente de quem são, porque, sem informação, você não pode tomar decisões fundadas como público”. (Leigh e Harding, 2011: 92) Amém!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Paulo Henrique. *As cartas de Espinosa*. Disponível em <<http://www2.paulohenriqueamorim.com.br/?p=9724> e <http://66.7.212.213/?=9665> > Acesso em 28/07/2010.
- ARBEX JUNIOR, José. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2003
- BORGES, Altamiro. *A ditadura da mídia*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.
- CONTRERA, Malena Segura. *O mito na mídia: a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação*. São Paulo: Annablume, 2000.
- FISK, Robert. “Por que não denunciemos esses tiranos torturadores?”. in blog *Maria Frô*. Disponível em: <<http://mariafro.com.br/wordpress/2011/05/15/fisk-bahrain-por-que-nao-denunciemos-esses-tiranos-torturadores/>>. Acesso em 23/05/2011.
- LEIGH, David; HARDING, Luke. *WikiLeaks – A guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado*. São Paulo: Verus, 2011.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *A Saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker, 2000
- PELEGRINI, Milton. *As inverdades, as meias verdades e as versões do Jornalismo*. GHREBH, São Paulo, v. 11, 2008. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/revista/ghrebh/index.php/ghrebh/article/viewPDFInterstitial/6/3>>. Acesso em 10/02/2010.
- PILGER, John. *A guerra que você não vê*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=jzSmGf0vJgw&feature=player_embedded. Acesso em 23/05/2011.
- PILGER, John. “WikiLeaks e o fracasso do jornalismo”. in: *Vi o Mundo – o quê você não vê na mídia*, Blog do jornalista Luiz Carlos Azenha. Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/wikileaks-e-o-fracasso-do-jornalismo.html> >.